

A construção da identidade do feminismo a partir da análise fílmica¹

Eduardo Fofonca²

Resumo

O presente artigo trata do feminismo sendo explorado ainda em tempos modernos, tendo como foco principal a caracterização do forte papel da mulher na contemporaneidade. O filme escolhido como *corpus* de análise foi *Mulheres – O Sexo Forte* do cineasta inglês George Cukor. Nele faremos uma abordagem crítica da construção da identidade do feminismo, a partir do viés científico de análise proposto por Foster (2003).

Palavras-chave: feminismo; cinema; identidade; contemporaneidade.

Considerações iniciais

"Meu caminho direciona-se no sentido de criar uma nova percepção do mundo. Dessa maneira explico, de uma forma nova, o mundo que é para você desconhecido."
(Dziga Vertov³, 1923).

O filme “Mulheres – O Sexo Forte” de George Cukor foi ambientado no circuito da moda e publicidade da cidade de Nova York. É um *Remake* de um clássico realizado em 1939, todavia aos olhos de alguns críticos de cinema está longe de ser um grande filme, mas é inegável que ele se torna antológico por uma muito peculiar característica: filmes protagonizados por mulheres ou falando sobre pessoas de sexo feminino, que são uma constante na história do cinema.

O filme conta a história de Mary Haines, uma designer de moda que parece ser bem sucedida, com uma bela casa de campo, um marido rico, uma filha adorável de onze anos e uma carreira criando desenhos para a venerável companhia de roupas de seu pai. Sua melhor amiga, Sylvie Fowler, tem outra vida invejável; é uma editora

¹ Este artigo é uma adaptação do artigo original intitulado “O Feminismo na Contemporaneidade: uma análise do Filme *Mulheres – O Sexo Forte*”, publicado na seção temática de Estudos Fílmicos da Biblioteca *On-line* de Ciências da Comunicação, Portugal, 2009.

² Mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná.

³ Cineasta soviético.

feliz e solteira de uma proeminente revista de moda, possuidora de um enorme *closet* com roupas de griffe e uma venerada opinião sobre o gosto e o estilo da vanguarda nova-iorquina.

Assim, a narrativa desencadeia a principal trama quando o marido de Mary tem um caso extraconjugal. A partir de tal fato descoberto o mundo de Mary torna-se um verdadeiro caos. Nessa perspectiva, é que o presente texto tratará da construção da imagem do feminismo e sua identidade. Para tanto, serão utilizados como aportes teóricos fundamentais para tal análise David William Foster (2003) e Stuart Hall (2003). Inicialmente haverá uma reflexão do feminismo para assim então focar ao estudo específico do *corpus* de análise, o filme *Mulheres – O Sexo Forte*.

O Feminismo

A questão do gênero é um elemento constitutivo da subjetividade contemporânea. Este enfoque é preconizado por muitos teóricos que desenvolvem seus estudos vinculando o gênero, principalmente, no que se refere ao feminismo e a partir de tal apontamento faz-se um estudo de identidades. Os envolvidos no processo que relaciona o feminismo são sujeitos com opções de escolhas e capacidade de interpretação, estabelecendo relações particulares com os produtos midiáticos, a partir de identificações que brotam das suas experiências. As mídias, nesse sentido, principalmente o cinema, através de diversificados recursos de apelos intelectuais, emocionais predispõem comportamentos e, de algum modo, determinam tal influência.

A mídia se manifesta na contemporaneidade, sobretudo, por meio de seu caráter imagético. John Berger no livro *Modos de ver*⁴ nos coloca que é inicialmente através do ato de ver que estabelecemos nosso lugar no mundo – relação irrequieta entre "o que vemos" e "o que sabemos" que nunca se resolve. Além disso, o aspecto humano geral do olhar vive um momento particular em que a sociedade atual se caracteriza pela proliferação de imagens mecânica e eletronicamente (re) produzidas e, nessa cultura da onipresença desse tipo de imagens, tanto a produção quanto a leitura destas tornam-se momentos centrais da construção do nosso senso de estar no mundo.

⁴ Escrito em parceria com mais quatro autores, o livro é baseado no popular programa homônimo, veiculado pela BBC de Londres no início dos anos 70, e propõe despertar no leitor uma maneira diferente de ver ou observar cenas banais, obras de arte, publicidade etc.

Berger (1972) evidencia o contexto de poder ao qual a produção e a disseminação de imagens pertencem. O autor aponta para a continuidade entre formas antigas, como na pintura de óleo, de construção de um *olhar masculino* sobre a mulher e o discurso visual publicitário pós-moderno. Tendo em vista que sendo herdeiras da tradição do olhar estabelecida nos alvares da sociedade burguesa moderna, continuam com a visão em que os homens definiam e propagavam as convenções da representação feminina, as imagens que povoam as ruas e os outros espaços públicos ou privados da vida contemporânea conduziriam para uma leitura da mulher como um não sujeito.

Embora as pesquisas feministas hoje venham produzir trabalhos sobre gênero, poder e representação; podem-se identificar ainda várias tendências hegemônicas que reificam o feminino e o masculino dentro de parâmetros convencionais, ou seja, por parâmetros patriarcais. O que se pode perceber é que se por um lado crescem as tentativas ainda minoritárias de produção crítica de imagens e suas representações o masculino e o feminino, por outro, no âmbito da recepção, a decodificação das mensagens visuais nem sempre ocorre conforme as convenções estabelecidas na sua produção primária. Para tanto, Ruth Sabat (2005) evidencia o outro lado deste viés: *"ler imagens pode ser um outro caminho para questionar as representações de gênero e de sexualidade que continuam operando em favor da produção da desigualdade"*.

De fato, há várias correntes na construção das mulheres como objeto sexual, ou objeto do "olhar masculino", discussão que gerou amplos debates na literatura feminista. Todavia, hoje, dentre os tropos mais comuns, encontramos "figuras híbridas" como as "mulheres modernas", Estas novas representações de mulheres combinam elementos convencionais da feminilidade com outros mais igualitários; estes geralmente calcados em mulheres brancas e de "classe A e B" que participam ativamente do universo profissional, mas não abandonam as responsabilidades tradicionalistas do lar. Diante disso, não podemos esquecer de uma outra construção recorrente e paradoxal de mulheres que sofrem violência física e psicológica, por parte dos homens. A dominação masculina é vista como naturalizada, uma visão que condiciona a mulher enquanto de vítima, neste ponto de vista também naturalizada.

As mídias de um modo geral representam rupturas nas relações sociais. Os discursos midiáticos, neste aspecto, trazem a caracterização do hegemônico e do

contra-hegemônico com as preocupações do papel da mulher como um ato de ruptura ou, ao menos, um reforço da desigualdade entre os gêneros.

Breve Análise Fílmica de Mulheres – o Sexo Forte⁵

No universo acadêmico fala-se muito em crise de identidade do sujeito. A Psicologia Social e as Ciências Sociais, de um modo geral, fazem seus apontamentos sobre as constituições do sujeito na sociedade. O homem da sociedade desta moderna tinha uma identidade bem definida e localizada no mundo social e cultural. Mas uma mudança estrutural está fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Num passado não muito distante, as identidades eram sólidas, nas quais os indivíduos se encaixavam socialmente, no entanto hoje elas se encontram com fronteiras menos definidas que provocam no indivíduo uma crise de identidade.

Os filmes protagonizados por mulheres ou falando sobre pessoas de sexo feminino são uma constante na história do cinema; mas esta realização traz não apenas entre as protagonistas, mas considerando todas as pessoas que surgem em cena, coadjuvantes, até as figurantes. Podemos observar a que algumas obras fílmicas quase sugerem a possibilidade de um universo composto exclusivamente por mulheres. Em alguns, os homens aparecem apenas quando mencionados pelas mulheres. Nesta abordagem torna-se interessante analisar o filme de estréia da diretora Diane English, que conta a história de um grupo de mulheres que se vêm envolvidas na descoberta de que o marido de uma delas estaria tendo um caso extraconjugal com uma vendedora de perfumes. A narrativa do filme dissecava o cotidiano dessas mulheres e a dúvida de como proceder em relação ao acontecido, a traição.

Embora elimine de forma incisiva a presença masculina em frente às telas, não realiza um filme exclusivamente feminista, no sentido anti-masculino. As mulheres do filme não apóiam a postura do marido traidor em seu dilema de como proceder em relação à descoberta da traição, mas revelam-se igualmente confusas em como tratar

⁵ Título original: *The Women*, EUA, 2008; Gênero: Comédia dramática; Duração: 114 minutos; Direção: Diane English; Elenco: Meg Ryan, Annette Bening, Eva Mendes, Debra Messing.

com a situação e não isentam de culpa os dois pontos culminantes femininos do triângulo - a esposa Mary Haines, que por ocasião e estratégia fílmica tinham uma caracterização de uma mulher completamente não atraente, e a amante Crystal Allen, caracterizada como uma mulher extremamente sedutora. Pode-se dizer que a estratégia do filme em colocar a esposa traída como uma mulher caracterizada como não atraente, ou feia para assim poder justificar a traição do marido da protagonista. Para tanto, lidar com os acontecimentos no filme de forma imparcial e sem recair na estratégia de transformar o personagem masculino em um vilão.

Um outro ponto significativo de se analisar na obra fílmica é o fato da caracterização investir na beleza outonal das ambientações, fazendo com que tanto os interiores, quanto o clima outonal dos cenários externos auxiliem na forma de contar uma história aberta, leve, mas com aquela irresistível sensação de friozinho que faz com que o filme tenha uma aproximação do cinema de Woody Allen.

O filme possuiu tomadas externas que todas foram filmadas em planos fechados ou, então, fechadas de outra forma, como se ao fundo sempre houvesse um muro a mais, um carro estacionado de forma muito apertada e imagens afins. Com isso, o que pareceu é que a diretora, habilmente, impediu que sua câmera registrasse involuntariamente um rosto ou qualquer estereotipo masculino; não deixando espaço para ninguém do sexo masculino. O filme passa-se em ambientes como o salão de beleza, o toalete feminino, terreno onde as mulheres se estudam e refletem sobre suas diferenças. E é numa destes ambientes que Meg Ryan descobre que o marido a está traindo com a vendedora de perfumes. Suas amigas querem de alguma forma agrida a amante do marido. A trama se transforma num jogo das vaidades, complexo, e, na verdade, esta trama deu uma bela munição para George Cukor rodar o clássico em 1939.

No filme original, Cukor sugeriu que apesar das aparências toda a espécie, uma hora ou outra, podia mostrar o seu lado ruim ou mal. E já na abertura do filme trazia uma seqüência de colagens provocantes. O autor intercalava imagens de animais peçonhentos que ele acreditava serem comparáveis às personagens interpretadas pelas atrizes Joan Crawford, Norma Shearer, Rossalind Russell e Paulette Godart.

Na ótica de alguns críticos de cinema, um dos problemas que apresenta esse *remake*, é o fato de faltar um diretor com a mesma personalidade subversiva para

conduzir esse estudo sobre a fogueira de vaidades feminina. Enfim, para alguns, Diane, partiu para o *set* de um espírito de fortemente moralista e não fez uma cópia ruim de “Mulheres”, mas uma cópia comum de “Sex and the City⁶”. O que se deve ressaltar que o papel feminino pôde se reduzir a um estereótipo de pessoas vazias e que só sabem reproduzir uma seqüência já reproduzida em dezenas de filmes.

Nessa perspectiva, com a leitura de Stuart Hall (2003) pode-se depreender que *o indivíduo é um conceito moldável e que depende do contexto em que está inserido*. A partir deste enfoque a protagonista do filme Mulheres – o Sexo Forte é uma mulher que o meio em que vive a transformou em outra identidade. Na contemporaneidade este conceito desvinculou-se do determinismo divino e começou a construir seu sentido apoiado na razão. A mesmidade, uniformidade, identidade; refere-se à contribuição feita por John Locke, onde a identidade não mudava no tempo. Neste viés inclusive, a identidade referia-se a capacidade do sujeito em rememorar suas experiências. Portanto, na modernidade, a referência para o indivíduo passa a ser a razão. A razão é o porto seguro para toda a atividade humana, sendo suficiente para justificar tudo. No caso da protagonista do filme analisado, verifica-se que a razão pela qual se desencadeiam os fatos é uma referência da atividade humana, as experiências com o novo, com a traição, enfim na busca pela compreensão dos acontecimentos que envolvem a protagonista.

Considerações finais

Após a leitura de alguns conceitos, reflexões sobre o feminismo e o seu uso enquanto uma identidade, verificou-se que o feminismo depende da maneira em que é narrado. Foster esclarece que o multiculturalismo é peça central para o feminismo. E ainda preconiza que não poderíamos chamar isso de feminismo somente porque nós utilizamos essa palavra num sentido extremamente limitado, mas essa espécie de subversão anti-patriarcal e, até em alguns momentos, anti-heterossexista no interior das lutas anti-colonialistas, permanecem marginais para o cânone feminista, porque, infelizmente, um tipo de feminismo retém o poder de nomear e de narrativizar.

Diante dos problemas nas sociedades, a feminidade gerou conceitos fixos. Mesmo que haja uma mudança na concepção de vida da mulher, sempre vai persistir

⁶ Seriado norte-americano que traz como protagonistas mulheres modernas.

uma divisão social entre os gêneros. Nessa perspectiva, seria a necessidade de se refletir sobre a validade da distinção entre homem e mulher e, por isso, entre masculinidade e feminidade, ainda na ótica de Foster.

Na sua completude, o filme analisado possui tomadas externas que todas foram filmadas em planos fechados para a não aparição masculina, também se passa em ambientes predominantemente femininos, como o salão de beleza, o toalete feminino, lugar em que as mulheres refletem sobre suas diferenças. E é numa destes ambientes que Meg Ryan descobre que o marido a está traindo com a vendedora de perfumes. Suas amigas sugerem de alguma forma, a protagonista, agrida a amante do marido. A trama se transforma num jogo das vaidades, e do complexo; na verdade esta trama deu uma bela munição para George Cukor rodar um clássico perverso em 1939.

No filme original, Cukor sugeriu que apesar das aparências toda a espécie, uma hora ou outra, podia mostrar o seu lado ruim ou mal. E já na abertura do filme trazia uma seqüência de colagens provocantes. O autor intercalava imagens de animais peçonhentos que ele acreditava serem comparáveis às personagens interpretadas pelas atrizes Joan Crawford, Norma Shearer, Rossalind Russell e Paulette Godart.

A protagonista do filme *Mulheres – o Sexo Forte* é uma mulher que o meio em que vive a transformou em outra identidade, isto foi também reconhecido com a leitura de Stuart Hall (2003) em que o indivíduo é um conceito moldável e que depende do contexto em que está inserido. Na contemporaneidade este conceito desvinculou-se do determinismo divino e começou a construir seu sentido apoiado na razão com a análise do filme verificou-se que a razão pela qual se desencadeiam os fatos é uma referência da atividade humana, as experiências com a traição, enfim na busca pela compreensão dos acontecimentos que envolvem a protagonista na narrativa. Enfim, os filmes protagonizados por mulheres ou falando sobre pessoas de sexo feminino são uma constante na história do cinema e o caso desta análise de *Mulheres - o Sexo Forte* nos trouxe a plena compreensão de que mesmo com todas as mudanças estruturais da sociedade, com as transformações sociais e o papel da mulher nesta sociedade, de não ser mais de uma coadjuvante, e sim sendo protagonistas de inúmeras representações sociais, ainda nos retemos ao papel da mulher como superficial um exemplo se torna o filme analisado, mesmo tentando ao longo do enredo se ter uma narrativa feminista,

pouco se fez para caracterizar a mulher com seu verdadeiro papel como agente transformadora e de importância numa sociedade líquido-moderna.

Referências

BADINTER, E. **Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BERGER, J. **Modos de ver**. Trad. Lúcia Olinto Roco. Lisboa:Edições 70, 1972.

FOSTER, D. W. **Queer Issues in Contemporary Latin American Cinema**. Austin: University of Texas Press, 2003.

_____. **Mulher e Cinema na América Latina**. Curitiba: UTP, 2006.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

RIAL, C. **Estudos de mídia: breve panorama**. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis: PPGAS/UFSC, n. 74, 2004.

SABAT, R. **Imagens de gêneros e produção da cultura**. In: FUNCK, Susana B. WIDHOLZER, N. (Orgs.). *Gênero em discursos na mídia*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcalismo, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SEGAL, L. **Why Feminism? Gender, Psychology, Politics**. New York: Columbia University Press, 1999.

Filmografia:

Mulher – o Sexo Forte. (The Women, EUA, 2008). Direção de Diane English: Califórnia Filmes, 2008.